



A VELHICE FEMININA NOS CONTOS "A MORTE DA VELHA" E "AS TRÊS IRMÃS", DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

THE FEMALE OLD AGE IN THE SHORT STORIES A MORTE DA VELHA AND AS TRÊS IRMÃS BY JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Brunella Vasconcellos Alves

Mestranda em Letras (Universidade Federal do Espírito Santo - UFES). Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista CAPES.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4584969645319395>.
E-mail: brunella.valves@gmail.com

DOI <https://doi.org/1026893/rm.V41.i41.575>

□□□

Resumo: Faz-se a análise comparativa da representação da velhice feminina nos contos *A morte da velha* e *As três irmãs*, aos quais integram a obra *Ânsia Eterna* (1903), de Júlia Lopes de Almeida. Especificamente, analisa possíveis convergências entre as personagens, Tia Amanda e D. Teresa, quanto à representação e discriminação enquanto mulheres idosas, que se dedicaram às tarefas domésticas, mas tiveram um trágico final pelo abandono. Por meio da análise comparativa, a pesquisa se apoia nos estudos de Simone de Beauvoir (1970/1990), Pierre Bourdieu (2023), bell hooks (2021/2024), Eurídice Figueiredo (2020), entre outros, os quais aportam ao presente estudo a perspectiva teórica feminista. Descreve como a velhice feminina é retratada nos contos selecionados, evidenciando a submissão feminina aos afazeres domésticos, a pressão estética dos corpos envelhecidos imposta pela sociedade patriarcal, bem como o desprezo pelas personagens idosas.

Palavras-chave: Literatura comparada. Júlia Lopes de Almeida. Velhice feminina; feminismo.

Abstract: This text performs a comparative analysis of the representation of female old age in the short stories *A morte da velha* and *As três irmãs*, which are part of the work *Eternal Longing* (1903), by Júlia Lopes de Almeida. To analyze possible convergences between the characters, Tia Amanda and D. Teresa, in terms of representation and discrimination as elderly women, who dedicated themselves to domestic chores, but had a tragic end due to abandonment. Through comparative analysis, the research is based on studies of Simone de Beauvoir (1970/1990), Pierre Bourdieu (2023), bell hooks (2021/2024), Eurídice Figueiredo (2020), among others, who provide this study with a feminist theoretical perspective. The work verifies how female old age is portrayed in the selected short stories, highlighting female submission to domestic chores, the aesthetic pressure of aging bodies imposed by patriarchal society, as well as contempt for elderly characters.

Key-words: Comparative literature. Júlia Lopes de Almeida. Female old age. Feminism.

□□□

INTRODUÇÃO

Por mais distante que pareça, a velhice chegará (ou se espera que se chegue) para todos os seres humanos. O envelhecimento, ao longo da história, é retratado com descaso e invisibilidade, seja pelas doenças, seja pela obsolescência, seja pelo incômodo causado aos mais jovens. Dessa forma, por si só, os referidos preconceitos etários tornam essa fase da vida temida por certos indivíduos.

Fora todo esse imaginário construído acerca da terceira idade, o cenário para as mulheres idosas é mais devastador, pois, conforme Guita Grin Debert (1994), as mulheres na velhice experimentam uma dupla vulnerabilidade, pois vivenciam dois tipos de discriminação: um pelo fato de serem mulheres e outro por serem idosas.

Dois contos de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), publicados na coletânea de contos *Ânsia Eterna* (1903), quais sejam, *A morte de velha* e *As três irmãs*, retratam a vida e morte de duas mulheres na velhice, respectivamente, Tia Amanda e D. Teresa, que cederam seus desejos e planos pessoais em benefício da submissão doméstica a seus familiares. Entretanto, apesar de seus esforços e de sua dedicação, as idosas foram desprezadas e abandonadas no fim de suas vidas por aqueles a quem dedicou o seu tempo.

Sobre a escritora, Júlia Lopes de Almeida, sabe-se que ela nasceu no Rio de Janeiro, no dia 24 de setembro de 1862, e morreu na mesma cidade, em meados de 1934. Vinda de uma família abastada, sendo seu pai médico e um apaixonado por literatura, ela e seus irmãos tiveram o incentivo da leitura e escrita. Viveu parte da sua infância em Campinas, onde, em 1881, aos 19 anos, começou a publicar seus primeiros textos na *Gazeta de Campinas*, contrariando às expectativas da época em que a literatura não era uma atividade própria para mulheres. Júlia Lopes confessou em uma entrevista, entre 1904 e 1905, que adorava escrever versos, mas para evitar o julgamento, fazia-o às escondidas (Fenske, 2022).

Em 1887, casa-se com Filinto de Almeida, diretor da revista *A Semana*, editada no Rio de Janeiro, que era seu grande incentivador nas leituras dos clássicos franceses (Pessoa e Sepúlveda, 2021). Júlia Lopes de Almeida passou a ser colaboradora da publicação e, também, começou a escrever para a revista *Brasil-Portugal* (1899-1914). Foi

pioneira da literatura infantil no Brasil com seu primeiro livro *Contos Infantis* (1886), e, um ano depois, publicou o primeiro dos seus 10 romances, *Traços e Iluminuras*. Além disso, ela escreveu para teatro com dois volumes publicados e 10 textos inéditos. Assim, ela trabalhou ininterruptamente para diversos jornais e revistas, o que a fez ser uma exceção à época por conseguir se sustentar por meio da literatura.

Júlia Lopes de Almeida, influenciada pelo movimento realista e naturalista francês, retratava, segundo Muzart (2014), a sociedade de sua época em suas obras, com agudeza e perspicácia, escrevendo sobre as vidas dos proletariados, sobre os negros recém-saídos da escravidão, sobre suicídio, sobre os males da escravidão, sobre a condição da mulher, sobre a velhice, entre outros temas.

A pesquisa tem como objetivo analisar o grau de aproximação da representação da velhice feminina nos dois contos selecionados de Júlia Lopes de Almeida. Especificamente, a intenção do trabalho é analisar possíveis convergências entre as personagens Tia Amanda e D. Teresa quanto à representação e discriminação enquanto mulheres idosas, as quais, mesmo se sucumbindo às tarefas domésticas, tiveram um trágico final de desprezo e abandono.

Por meio da análise comparativa, o qual se propõe a encontrar interseções entre as obras escolhidas, a pesquisa conta com a contribuições bibliográficas de pesquisadores como Simone de Beauvoir (1970/1990), Pierre Bourdieu (2023), bell hooks (2021/2024), Eurídice Figueiredo (2020), entre outros, os quais aportam ao presente estudo a perspectiva teórica feminista.

Para tanto, o artigo será elaborado, inicialmente, por uma breve descrição da representação da velhice ao longo da história, referenciando o estudo desenvolvido por Simone de Beauvoir. Em seguida, o trabalho se debruçará sobre a explicação dos dois contos selecionados de Júlia Lopes de Almeida, isto é, *A morte da velha* e *As três irmãs*. Por fim, será realizada a análise comparativa dos dois contos a partir do aporte teórico feminista, convergindo os pontos de semelhança entre as personagens idosas, Tia Amanda e D. Teresa, quanto à submissão feminina, à pressão estética dos corpos envelhecidos e à velhice feminina oprimidas pela sociedade patriarcal.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A INVISIBILIDADE NA VELHICE

Sobre a velhice, desabafa a pesquisadora Eurídice Figueiredo (2020) que, tendo passado dos seus 70 anos, caso estiver em um grupo que não a conhece profissionalmente, ninguém tem curiosidade de perguntar nada sobre sua vida, o que confirmaria, segundo ela, que os idosos são invisíveis.

Para Simone de Beauvoir (1970/1990), em seu livro intitulado *A Velhice*, essa fase da vida é vista para sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso sobre qual é indecente conversar. Indica, ainda, Beauvoir que existe uma enorme produção literária versando sobre outros momentos da vida, como a infância e adolescência, todavia, são raros os estudos que fazem alusões à velhice.

As pessoas evitam tratar sobre esse período da vida ao qual todo ser humano vai chegar ou, pelo menos, espera-se que chegue. Diante dessa invisibilidade, vale mencionar, brevemente, o panorama traçado por Simone de Beauvoir sobre as percepções acerca da velhice ao longo dos períodos históricos, as quais influenciaram nesse apagamento dos idosos, principalmente, das mulheres idosas.

Beauvoir (1970/1990) afirma que, durante muito tempo, tanto no período da Grécia Antiga, quanto nos estudos bíblicos, a idade era relacionada à posição de prestígio, de respeito, de sabedoria e de conhecimento por colecionar experiências de vida. O idoso seria aquele que iria transmitir as histórias locais, as profecias divinas, os estudos, entre outros.

Na sociedade romana, de acordo com Beauvoir (1970/1990), só era valorizado quem havia acumulado muitas riquezas ao longo da vida. O homem mais velho possuía direito a todas as posses e decisões da família e a mulher mais velha tinha como responsabilidade a administração dos trabalhos dos escravos e da educação dos filhos.

Contudo, no âmbito do entretenimento, tanto na sociedade romana, como na Grécia Antiga também, Beauvoir (1970/1990) menciona que, nas peças de teatro e literatura, os idosos homens eram retratados com escárnio, ao passo que as mulheres idosas eram caracterizadas como feias e inoportunas.

Ocorre que, com a queda do modelo oligárquico, Beauvoir (1970/1990) aponta que o idoso foi rebaixado na hierarquia social. Nesse período, os idosos começaram a ser visto como um problema, pois eles não podiam lutar em guerras. Para os povos bárbaros de origem germânica, somente os jovens tinham a força para as batalhas, por sua vez, para os gauleses e hérulos, os idosos e doentes deveriam ser eliminados.

Beauvoir (1970/1990) aponta que, com o avanço do cristianismo no Ocidente, a Igreja acabou incorporando os valores clássicos em geral desfavoráveis aos idosos. No século IV, a Igreja criou asilos, mas não realizou muitos atos em prol da velhice. Nessa época, eram os jovens que estavam no poder, incluindo os papas.

Na sociedade feudal, o vassalo idoso precisava passar suas atribuições para o filho, pois, segundo Beauvoir (1970/1990, p. 162),

A situação dos velhos, em todos os setores da sociedade, aparece, portanto, como extremamente desfavorecida. Tanto entre os nobres, quanto entre os camponeses, a força física prevalecia: os fracos não tinham lugar. A juventude constituía uma classe de idade de considerável importância.

Na Idade Média, assim como na Idade Antiga, Beauvoir (1970/1990) informa que houve uma grande busca pelo rejuvenescimento, com o sonho da vida eterna. Mas, com o renascimento do comércio e ascensão da burguesia, no final da Idade Média, percebeu-se que a força física não era mais importante, pois a propriedade vinha a partir dos contratos e não pelo físico, desse modo, podia ser poderoso quem prosperasse e acumulasse riquezas. Ocorre que, como a velhice era último estágio da vida, muitos velhos eram instruídos a deixar seus bens para Igreja com o intuito de conquistar a salvação.

No início da Idade Moderna, dentro do período renascentista, voltaram-se com os valores clássicos, como o culto ao amor pela juventude do corpo. Desse modo, havia um desprezo pelo corpo envelhecido, principalmente, pelo corpo feminino, negando-a aos prazeres carnis (Beauvoir, 1970/1990).

No âmbito da literatura, Beauvoir (1970/1990) explica que, por um lado, os velhos escarnecidos eram os burgueses; por outro, os nobres eram poupados das representações negativas. Segundo a pesquisadora, ainda, do antigo Egito ao Renascimento,

[...] Vê-se que o tema da velhice foi quase sempre tratado de maneira estereotipada; mesmas comparações, mesmos adjetivos. A velhice é o inverno da vida. A brancura dos cabelos e da barba evoca a neve, o gelo: há uma frieza do branco à qual se põem o vermelho – o fogo, o ardor – e o verde, cor das plantas, da primavera, da juventude. Os clichês se perpetuam, em parte porque o velho sofre um imutável destino biológico. Mas também, não sendo agente da História, o velho não interessa, não nos damos o trabalho de estudá-lo em sua verdade (Beauvoir, 1970/1990, p. 200).

No século XVII, países como a França e Inglaterra sofreram de falta de higiene e miséria, com uma baixa expectativa de vida, em que as pessoas pobres quase não ultrapassavam os 40 anos. Esse momento duro melhorou no século XVIII, principalmente, no final do século, pois aumentaram-se as ações assistencialistas (Beauvoir, 1970/1990).

Posteriormente, no século XIX, com a Revolução Industrial, a sobrevivência da agricultura familiar ficou complicada após a mecanização da produção agrícola, ocasionando um êxodo rural. Dessa forma, muitos idosos tiveram que trabalhar nas indústrias, mas eram demitidos por conta da idade. Beauvoir (1970/1990) cita que, devido a esse período cruel, a literatura da época denunciou essa situação dos idosos, como no romance *La Terre*, de Zola, que narra história de um velho pai que decide partilhar seus bens entre os filhos, pois não conseguia mais trabalhar, porém, acabou por ser assassinado.

Por fim, Beauvoir (1970/1990) defende que o avanço da medicina e da indústria farmacêutica, no século XX, aliviaram os desconfortos do envelhecimento. Entretanto, a autora sustenta que a figura do idoso, a qual antes representava estabilidade, passou a ser evocado como supérfluo e dispensável.

Levando em conta as anotações de Beauvoir, pode-se concluir que não houve muitas modificações no tratamento dado aos idosos,

sendo a velhice retratada, até os dias atuais, como um incômodo. Nesse sentido, recorreremos à apreciação de Ecléa Bosi (1994, p. 77-78), que explica a condição dos velhos:

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. Se a posse, a propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais idéias da classe dominante, agem como loucas porque delinham assim o seu próprio futuro.

Assim, na velhice, geralmente, a pessoa não trabalha e não reproduz, bem como, caso tenha alguma acumulação de bens, ocorre disputa pela sua herança, entre outras ideias de rejeição ao velho. Para a mulher idosa o cenário é ainda mais desolador, pois, além das rejeições sofridas pelo homem idoso, ela é negada também seus desejos, suas vontades e sua imagem é desprezada por conta das imposições da sociedade patriarcal, conforme vemos nos comentários a seguir.

OS CONTOS *A MORTE DA VELHA* E *AS TRÊS IRMÃS*

Publicados, originalmente, em 1903, os contos escolhidos para análise, quais sejam, *A morte da velha* e *As três irmãs*, estão dentro de uma coletânea intitulada *Ânsia Eterna*. Nesse livro, foram reunidas cerca de 26 produções literárias da escritora Júlia Lopes de Almeida, as quais discutem diversos temas, inclusive assuntos reflexivos e pouco discutidos à época, como estupro, aborto, velhice, doenças mentais, morte, entre outros.

No conto *A morte da velha*, narra-se a história da Tia Amanda, mulher com a idade bem avançada, que foi descrita como uma alguém que fizera muitos sacrifícios devido a sua crença religiosa e para ajudar seu irmão, Luciano, que era viúvo e pai de 4 filhas. Além de cuidar do seu irmão, como uma segunda mãe, ajudou a criar as filhas dele após o falecimento da sua esposa.

O conto descreve Tia Amanda como uma pessoa carinhosa e dependente de cadeira de rodas, pois era paralítica. Todavia, mesmo debilitada, continuava trabalhando muito, em virtude das constantes reclamações de seu irmão sobre a falta de dinheiro. Ela ganhava pouco e o pouco que tinha dava para os outros.

Aos poucos, ela foi perdendo a memória, ficando mais debilitada em seus movimentos, o que a impediu de trabalhar, prejudicando sua renda financeira. O seu irmão Luciano apenas dava a velha domicílio e comida.

Até que certo dia, ela foi penhorar um relógio antigo de ouro, fato que estressou seu irmão, visto que poderia demonstrar aos outros que ela estava passando necessidade. Ocorre que, o jeito colérico de seu irmão a deixou triste devido aos diversos sacrifícios feitos por ele, inclusive, deixando se casar para tanto. Ela tentava afirmar para si que não era ruindade no coração dele, mas, sim, a doença no fígado que ele tinha.

Após esse episódio, a velha caducou bastante, “[...] incomodava toda a gente. Era preciso levá-la ao colo para a cama, despi-la, vesti-la, lavá-la, levar-lhe a comida à boca.” (Almeida, 2020, p. 130)

Durante um jantar, a criada gritou que havia fogo na casa. Luciano orientou a todos a fugir pelo telhado. Mas, como a velha estava de cadeira de rodas, via toda a correria dos demais, mas, aterrorizada, ficou imóvel. O irmão ajudou suas filhas e pegou todas as joias e talheres de prata que podia:

Na sua grande cadeira de rodas, a velha presenciava aquela cena, sem se poder mover, aterrorizada e sem voz. O irmão empurrava as filhas, atava num guardanapo as joias tiradas à pressa de uma cômoda, punha na mão da criada os talheres de prata, olhava para trás, para o fogo que vinha lambendo a parede, impelido pelo vento; corria, atirava para o telhado os móveis mais leves, pressurosamente, abria e fechava gavetas, e saltava por fim também pela janela, para o telhado, o único meio de salvação que a Providência lhe oferecia! (Almeida, 2020, p. 131).

Nessa correria, o irmão deixou a velha para atrás sozinha. Ocorre que, para Tia Amanda, pior que está ali no incêndio e com medo da situação, foi a impressão que o irmão mostrou naquela fuga.

Dessa vez, ela não afirmou que aquele ato de abandono seria apenas a doença dele. Vendo o fogo se alastrar e destruir todas as coisas que ela, a irmã abandonada, ajudou a ganhar, ela sorriu irônica:

O calor afogueava-lhe as faces, onde há muito não subia o sangue; no meio daquela solidão pavorosa, ouvindo o crepitar da madeira nuns estalidos secos, a bulha surda de uma ou de outra viga que se desmorrava, o luf-luf da chama que subia, a velha sorria com ironia, lembrando-se da precaução do Luciano em arrecadar as coisas que ela, a irmã abandonada, lhe ajudara a ganhar... (Almeida, 2020, p. 131)

No final, a velha vê alguém se aproximando para ajudá-la, até cria expectativa de que seria o irmão, porém, era um bombeiro tentando retirá-la do incêndio. Durante essa tentativa, um fumo negro impede o resgate e a velha se entrega, fecha os olhos e espera pela morte.

Por sua vez, o conto *As três irmãs* inicia com a informação de que D. Teresa não via suas duas irmãs mais novas há muito tempo. Uma irmã, D. Lucinda, depois que se casou, foi viver com o marido em Buenos Aires, já a irmã caçula, D. Violeta, foi viver na Bahia com seu esposo e com seus filhos.

Certo dia, D. Teresa, apreensiva pela idade e com medo da morte, escreveu às suas irmãs pedindo para que elas viessem ao Rio se despedir dela e tomar posse do que lhes pertencia. Ocorre que, ela não se casou, por isso, sempre viveu na casa dos pais, sendo a guardiã fiel de todos os pertences dela e das irmãs.

Com isso, ordenou a criada que Lucinda ficasse com o quarto azul, que pertenceu a ela quando habitava ali, e, como recordava que sua irmã gostava de canários, pediu para que colocasse no quarto a gaiola dourada do canário novo. Pediu, ainda, para a criada lavar e perfumar o quarto com o cheiro preferido dessa irmã: o jasmim. Para a segunda irmã, Violeta, pediu para preparar o quarto antigo branco, com muitas flores, bem como ordenou que perfumasse o local dela com seu aroma preferido: o violeta.

O terror de D. Teresa era morrer e deixar aquela casa, da qual cuidou tão bem, para pessoas desconhecidas, porque só as irmãs iriam receber com amor os trastes antigos. Ela tinha essa mania de

conservar todas as coisas como eram na juventude, tudo no mesmo lugar e do mesmo jeito porque tudo era preciosidade rara. Ali naquela casa se encontrava a memória de sua infância e de seus pais. Entretanto, a casa exalava no ar aquele cheiro de mofo que denunciava a vida solteira e sem filhos de D. Teresa.

Até que as irmãs chegaram para a estadia. D. Teresa percebeu que as irmãs vestiam roupas elegantes e estavam bonitas e endireitadas, sem precisar de apoio para andar, apesar de elas terem uma idade avançada também, ao contrário dela que dependia de bengala.

Durante a conversa entre as irmãs, Lucinda comentou que, como seu segundo marido havia falecido há um ano, ela precisaria liquidar o espólio, assim, não poderia deixar o seu palacete na Argentina abandonado, devendo ficar por poucos dias. Aproveitou a oportunidade para falar do luxo de suas mobílias, vindas de Paris, e riu com desdém quando informou que seus móveis são melhores do que aqueles da casa dos pais. Já Violeta informou que não se importava com luxo, visto que seus netos acabavam com tudo e que precisava de bastante espaço para eles brincarem.

D. Teresa citou seu desejo de que as irmãs viessem tomar conta da mobília e da casa diante dos seus dias finais de vida. Desse modo, Lucinda e Violeta foram verificar os pertences da casa. Uma julgou que o estofado estaria podre, outra que o canapé é medonho, desprezando os pertences antigos e zombando de tudo da casa antiquada.

À noite, Lucinda mandou tirar o canarinho, porque fazia muito barulho, por seu turno, Violeta, pediu para tirar as flores, porque pertenciam ao jardim, desfazendo todas as lembranças e cuidados que D. Teresa detalhadamente planejou.

Indignada com as atitudes das irmãs mais novas, cogitou escrever uma carta pedindo para queimar tudo na fogueira, mas, ainda apegada, não escreveu. Dois dias depois, D. Teresa falece na hora do almoço, sentada na sua cadeira de couro. D. Violeta pegou as imagens do oratório como recordação, enquanto sua irmã Lucinda nada. Ao final, as duas venderam a casa, repartiram os bens e foi cada uma para ao seu destino.

ENTRE TIA AMANDA E D. TERESA: A DISCRIMINAÇÃO DA MULHER IDOSA

Inicialmente, vale comentar sobre as dedicatórias nos dois contos, feitas por Júlia Lopes de Almeida, a duas grandes figuras femininas para o cenário literário brasileiro no final do século XIX e início do XX. O primeiro, *A morte da velha*, foi dedicado para sua prima Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), uma poetisa que teve grande importância na divulgação das novas ideias feministas e educacionais (Coelho *apud* Pinto e Bertolotti, 2017). Por seu turno, no segundo conto, *As três irmãs*, Almeida o dedicou à Zalina Rolim (1869-1961), outra poetisa e defensora da educação infantil.

Quanto ao conteúdo das obras, verifica-se que ambos os contos tratam do tema da velhice feminina, retratando, especificamente, mulheres idosas que renunciaram a seus desejos da mocidade em prol do bem da família ou da memória dos seus entes queridos. Todavia, seus esforços não foram reconhecidos pelos seus familiares, que a desprezaram quando mais precisava de afeto em seus momentos finais de vida.

Além de toda rejeição envolvida sobre o envelhecimento em geral, como mencionado anteriormente, Debert (1994) denuncia que as mulheres na velhice experimentam uma dupla vulnerabilidade, sendo discriminadas por serem mulheres e por serem idosas. Acrescenta Debert (1994, p. 33) que

[...] Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem antes de ser contada pela referência cronológica seria marcada por uma série de eventos associados a perdas como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a esse conjunto de perdas deve se somar o sub emprego, os baixos salários, o isolamento e a dependência que caracterizariam a condição das mulheres de mais idade.

Desde os séculos passados até os dias atuais, é ensinado às mulheres a se comportarem, ou, nas palavras de Pierre Bourdier (2023,

p. 53), a agirem conforme a arte de “se fazer pequena”, “[...] mantendo as mulheres encerradas em uma espécie de *cerco invisível*”, enquanto os homens ocupam os lugares de destaques.

Nos contos, é informado ao leitor que as duas personagens principais, Tia Amanda e D. Teresa, possuem características de submissão, apesar de que ambas não se casaram e nem tiveram filhos, contudo, cederam suas vontades próprias em benefícios de seus familiares.

Descrita como extraordinariamente bondosa e ativa, Tia Amanda perdera um casamento para criar seu irmão, Luciano. “[...] A esse tinha ela criado nos braços, desde os mais tenros meses; fora para ele uma segunda mãe” (Almeida, 2020, p. 127). E, mesmo que ele tenha crescido e se casado, Tia Amanda, mais uma vez, ofereceu-se para cuidar das filhas de Luciano devido a perda precoce da esposa desse. Paralítica, dependente de cadeiras de rodas, Tia Amanda residia e se alimentava na casa de seu irmão, porém, continuava trabalhando incessantemente no que podia, pois Luciano não que lhe dava nenhum trocado.

Por sua vez, D. Teresa é apresentada como uma guardiã fiel e depositária de todas as relíquias da mocidade de sua família. O conto não explica o porquê da solteirice de D. Teresa, mas a descreve como uma mulher que ficou residindo na casa dos pais durante toda sua vida e não tinha uma vida social, tendo como única função a manutenção de todos os pertences do imóvel do mesmo jeito que ocupavam na sua infância:

[...] **Para ela, aquelas velharias eram preciosidades raras. Não saía nunca, não dava festas.** Vagava no ar das suas salas um cheiro de mofo, **denunciador do triste isolamento da sua vida de solteirona, sem sobrinhos, nem afilhados, nem ninguém!** (Almeida, 2020, p. 148-149) [grifo nosso].

Apegada às lembranças boas, D. Teresa, ao receber a visita de suas irmãs, mostra-se afetuosa ao planejar, cuidadosamente, todos os detalhes para com elas durante a estadia.

Entretanto, o temperamento suave e obediente das personagens não evitou o desprezo de seus familiares. Tia Amanda, ao pe-

nhorar um relógio de ouro para conseguir um dinheiro extra, escutou de Luciano palavras coléricas de que ela não deveria ter feito isso por envergonhar a honra dele. “[...] E ela curvava a cabeça ao irmão, e obedecia-lhe, e temia-o! (Almeida, 2020, p. 129)”. Quanto à D. Teresa, ela teve que escutar os desprezos de suas irmãs: primeiro porque ela manteve a casa com relíquias antigas e mofadas e, segundo, devido ao fato das irmãs terem vidas melhores por terem se casado.

Mesmo não tendo maridos, Tia Amanda e D. Teresa sofreram pela dominação masculina, sendo a primeira submissa às vontades e reclamações de seu irmão, o provedor da casa, e, a segunda, porque não se enquadrou ao modelo tradicional patriarcal como suas irmãs fizeram.

Nesse sentido, Bourdieu (2023) comenta que, para as mulheres submissas ao modelo “tradicional”, o casamento continua sendo um meio privilegiado de obter uma posição social. Essa visão ultraconservadora “[...] faz da família patriarcal o princípio e modelo da ordem social como ordem moral” (Bourdieu, 2023, p. 144). Principalmente, no período de publicação dos contos analisados, o casamento era o grande anseio da mulher e, caso não o alcançasse, tornava-se uma figura suscitadora de indiferença como aconteceu com as personagens dos contos.

Outrossim, quanto à discriminação das mulheres idosas, nos dois contos, vê-se que, mesmo na solteirice e desimpedidas para tanto, as personagens não se entregaram aos prazeres amorosos, apenas succumbindo às tarefas domésticas de seus lares, além de serem descritas com fisionomias físicas degradantes e doentes. Inclusive, o narrador do conto *As três irmãs* cita sobre a falta de sexualidade de D. Teresa: “[...] a. O seu corpo, **nunca amado**, caía, como um feixe de ossos partidos, para a sepultura” (Almeida, 2020, p. 148) [grifo nosso].

Simone de Beauvoir, na sua obra *Segundo Sexo* (1970, p. 51), pontua que “[...] já se afirmou que as mulheres idosas constituem «um terceiro sexo», e, com efeito, não são machos e não são mais fêmeas, traduzindo-se amiúde essa autonomia fisiológica por uma saúde, equilíbrio, e vigor que antes não possuíam”. Desse jeito, considera-se que a mulher idosa não possui sexualidade, pois sua fisionomia e saúde não são mais a mesma da juventude.

Para os idosos, seja qual for o gênero, apenas comentar sobre seu desejo e interesse sexual se torna um escândalo, como argumenta Eurídice Figueiredo (2020, p. 241):

[...] Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos e as mesmas reivindicações dos jovens, provocam escândalo. Neles, o amor e o ciúme soam ridículos, a sexualidade parece repugnante, a violência, derrisória. Espera-se deles a serenidade, e se não exprimem essa suprema virtude, são condenados ao ostracismo.

Todavia, para a mulher de terceira idade, o cenário é mais devastador, pois, de acordo com Carmen da Silva (*apud* Figueiredo, 2024, p. 241), a partir da avançada idade, a mulher torna-se transparente e invisível. Não se espera que ela tenha alguma atitude ousada; “[...] qualquer atitude que lembre a juventude já parece ser indecorosa, só lhe resta ser vovó e fazer crochê”. Acrescenta, ainda, que, no Brasil, a “[...] mulher idosa perde o direito à identidade, o pressuposto é que a terceira idade nivela mentalidades e temperamentos, qualquer velhota se entende bem com outra velhota, tudo é farinha do mesmo saco”.

Por conta da dominação masculina, as mulheres, no geral, sofrem pela pressão estética. Conforme bell hooks (2024, p. 57), “[...] antes da libertação das mulheres, todas as mulheres, mais jovens ou mais velhas, foram socializadas pelo pensamento sexista para acreditar que nosso valor estava somente na imagem e em ser ou não notada como pessoa de boa aparência, principalmente, por homens”.

Sobre o assunto, Bourdieu (2023, p. 111) denuncia que a dominação masculina

[...] Constituiu as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas.

Se a sociedade patriarcal privilegia que o valor da mulher está na aparência, a mulher mais velha, ao qual não possui mais a aparência e vigor de sua mocidade, encontra-se com certa dificuldade para se encaixar nos padrões masculinos ideais. Percebe-se referida preocupação em ambos os contos analisados ao descreverem o corpo envelhecido das personagens.

Tia Amanda é apresentada com “cabelos brancos, finos, em bandós; rosto redondo, amolecido, sulcado por muitas linhas fundas; olhos azuis, cariciosos e transparentes como as pupilas das crianças; corpo pesado, grosso, baixo e curvado; pés e mãos inchados, pernas paráliticas” (Almeida, 2020, p. 127). Além das características de feia, era surda e apresentava muitas doenças devido à idade, como perda de memória, confusão de datas e fatos, vista e mãos fracas, entre outros defeitos.

Em relação à aparência de D. Teresa, o narrador indica a comparação que ela fazia dela com suas irmãs mais novas. Como fazia muitos anos que D. Teresa não via suas irmãs, ela as imaginava bem velhas igual a ela. Entretanto, ao receber as irmãs em casa, reparou que a aparências das irmãs não estavam como pensava. As irmãs andavam sem necessidade de apoio, endireitadas, sem muito traços da velhice.

Ao contrário de D. Teresa que se sentia acabada fisicamente: “[...] faltara-lhe o amor, faltaram-lhe as sagradas agonias da maternidade, e a sua existência passiva, concentrada, inerte, levava-a àquele ponto, de passa seca já empedernida e intragável! (Almeida, 2020, p. 149-150). Demonstra-se nessa passagem, a dura reclamação da personagem sobre seu corpo envelhecido e por não ter se encaixado aos padrões ideais machistas.

Apesar dos avanços do movimento feminista quanto à valorização do corpo, bell hooks (2024, p. 60) alerta:

[...] Ainda que as mudanças feministas na maneira como enxergamos o corpo feminino tivessem tornado o envelhecimento uma experiência mais positiva para as mulheres, encarar a realidade do envelhecimento na sociedade patriarcal, principalmente a realidade de não mais poder gerar crianças, levou várias mulheres a adotar novamente as antigas noções sexistas da beleza feminina.

Acrescenta, ainda, bell hooks (2024) sobre a dificuldade da mulher mais velha, heterossexual, encontrar um parceiro, haja vista que compete com as mulheres mais novas. Dessa forma, elas acabam cedendo à pressão para alcançar a beleza feminina ideal, fomentando a indústria de moda e cosméticos para, cada vez mais, evitar o processo do envelhecimento.

Vale mencionar que, para o homem idoso, existe uma certa facilidade para realizar seu desejo sexual, uma vez que, de certa forma, continua reproduzindo, além de que o patriarcado influenciou na visão de que homem mais velho possui acúmulo de conhecimento, ou, caso seja rico, despertaria o interesse de certas mulheres.

Contudo, para a mulher idosa, a partir da menopausa, é esperado que ela se comporte e foque apenas nos afazeres domésticos, abstraindo-se de adquirir novas conquistas de trabalho, ou um namoro ou um casamento. Caso não consiga nem realizar os afazeres domésticos, pois a idade a limita, a idosa se torna mais desprezada pelos seus próximos e pela sociedade.

No final dos contos, verifica-se que, mesmo com toda dedicação em zelar pela família e mesmo não sendo casadas, submeteram-se à vida doméstica para auxiliar a família, porém, nada disso impediu que Tia Amanda e D. Teresa fossem desprezadas, invisibilizadas por seus parentes e abandonadas no seu último respiro.

Devido à caduquice da velhice, Tia Amanda tornou-se um incômodo: “[...] E a criada, a quem ela dera outrora presentes, ria-se; e as sobrinhas, que ela tantas vezes carregara ao colo, levantavam os ombros, enfadadas. Luciano repreendia-as, mas ia dizendo que efetivamente a irmã era insuportável!” (Almeida, 2020, p. 130). Ao passo que D. Teresa, apesar de todo cuidado em conservar a casa de sua infância, não teve seus esforços reconhecidos pelas irmãs, as quais proferiram ofensas e zombaria por aquelas preciosidades raras.

Sobre a falta de amor, já dizia bell hooks (2021, p. 221) que, “[...] quando vivemos num estado de desamor, sentimos que poderíamos muito bem estar mortos; tudo dentro de nós é silêncio e imobilidade”. Assim agiram Tia Amanda e D. Teresa que, ao não sentirem o amor e reconhecimento de seus familiares por todos seus esforços, entregaram-se para a morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Júlia Lopes de Almeida retratou a velhice feminina nos seus contos *A morte da velha* e *As três irmãs*, descrevendo as emoções sentidas pelas personagens idosas nesse período vulnerável da vida até seus últimos suspiros. A partir da análise dos contos, verificaram-se diversos pontos de convergências no enfeitamento e negligência vividos por Tia Amanda e D. Teresa.

Em ambos os contos, narra-se que as personagens idosas optaram - ou não tiveram escolha - por não se casar. Fato que, para uma sociedade patriarcal da época de publicação dos contos, era motivo de desprezo, uma vez que o casamento representava uma posição social. Apesar do conto não citar o motivo de D. Teresa não ter se casado, tanto ela, quanto Tia Amanda, cederam suas vontades pessoais para se dedicarem aos cuidados domésticos de suas famílias.

Apesar das personagens idosas não terem constituído o matrimônio, as imposições criadas pela dominação masculina ainda são evocadas, uma vez que Tia Amanda obedecia aos comandos de seu irmão, Luciano, submetendo-se a suas vontades, enquanto D. Teresa se martirizava pela falta de amor, da maternidade e da alegria dos quais suas irmãs se vangloriavam.

Convergem-se ainda os contos quanto ao processo do desgaste ao corpo envelhecido. Para Tia Amanda, sua caducidade e paralisia corporal incomodavam seus parentes, ao passo que D. Teresa reproduzia a pressão estética do ideal de beleza feminina, menosprezando a si própria, em um corpo que nunca foi amado, em comparação à aparência de suas irmãs mais novas.

Por fim, mesmo cumprindo o “papel feminino” dos afazeres domésticos, em *A morte da velha*, Tia Amanda presenciou, ao final de sua vida, depois de tanto sacrifício para cuidar de seu irmão e de suas sobrinhas, o abandono durante o incêndio na casa. Por sua vez, em *As três irmãs*, D. Teresa sentiu a indiferença, pois dedicou a sua vida na manutenção das memórias da sua infância e de suas irmãs na casa dos pais, porém, recebeu em troca zombaria e desprezo delas que tiveram vidas consideradas melhores.

A Tia Amanda desejava ser reconhecida e amada pelo irmão e sobrinhas, já D. Teresa desejava que as irmãs dessem valor às memórias da infância. Todavia, nos dois contos analisados, as idosas tiveram seus sentimentos desacreditados e foram largadas sozinhas para a morte.

Assim como Tia Amanda e D. Teresa, outras diversas mulheres idosas morrem solitárias. Os contos de Júlia Lopes de Almeida denunciam o descaso dos familiares, trazendo ao debate essas experiências sofridas pela invisibilidade na velhice feminina, em que mulheres idosas renunciam a todas suas vontades em favor do cuidado familiar, mas, ao final de suas vidas, ao invés de receberem respeito e amor, são menosprezadas e abandonadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Ânsia eterna*. 2. ed. Brasília: Senado Federal, 2020.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Martins, M. H. S.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970/1990.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

DEBERT, Guita Grin. Gênero envelhecimento. *Revista Estudos Feministas*, v. 2, n. 3, p. 33-51, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16288>. Acesso em: 06 ago. 2024.

FIGUEIREDO, Eurídice. Entre alegrias e agruras da velhice. In: _____. *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre: Zouk, 2020, p. 241-251.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção, edição e organização). *Júlia Lopes de Almeida: a escritora da belle époque tropical*. Templo Cultu-

ral Delfos, outubro/2022. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2014/05/julia-lobes-de-almeida.html>. Acesso em: 06 ago. 2024.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Bhuvli Libanio. 25. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *Um romance emblemático de Júlia Lopes de Almeida: crise e queda de um sistema*. Navegações, v. 7, n. 2, p. 134-141, 12 jun. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/21026>. Acesso em: 05 abr. 2023.

PESSOA, Eurídice Hespanhol Macedo; SEPÚLVEDA, Denize. Júlia Lopes de Almeida e as mulheres brasileiras em finais dos oitocentos e início do século XX. *Revista Communitas V5 - Políticas públicas e igualdade de gênero: estratégias de resistência*, N9, p. 39-53, jan.-mar./2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/4713/26>. Acesso em: 06 ago. 2024.

PINTO, Raissa Nunes; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Biografia de Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944). *Anais... Seminário de Educação e Colóquio de Pesquisa*, 2 (11), p. 137-146, 2017. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/semiedu/article/view/4567>. Acesso em: 06 ago. 2024.

